

Do fordismo ao trabalho flexível:

Gramsci, hegemonia e controle social

Renan Araújo

Como citar: ARAÚJO, R. Do fordismo ao trabalho flexível: Gramsci, hegemonia e controle social. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 31-34.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p31-34>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Do fordismo ao trabalho flexível: Gramsci, hegemonia e controle social

Renan Araújo*

Ao refletirmos sobre o processo de reestruturação produtiva e as metamorfoses do mundo do trabalho contemporâneo, mais especificamente, a introdução dos métodos de trabalho flexível na produção, dentre as inúmeras problemáticas que emergem desse processo ganha relevância a questão do controle social. Ao nosso ver, à época da mundialização, um dos desafios à interpretação crítica está em compreender os nexos que articulam o "sujeito" capital produtivo ao conjunto da vida social. Ou seja, conforme sugere Mészáros, considerá-lo enquanto sistema *sócio-metabólico de reprodução social*.

Por outro lado, uma análise dessa natureza exige que entendamos a complexidade das relações sociais estranhadas como expressão de relações que se fundam na realização do valor. Neste sentido, o trabalho flexível, ainda que dotado de particularidades, subordina-se à acumulação. Dialeticamente, quando visto numa perspectiva totalizante, o Sistema de Produção Toyota expressa uma linha de continuidade, ainda que represente modificações/adaptações, ou mesmo complementando a anterior Organização Científica do Trabalho implementadas por Taylor e Ford. Neste sentido, para melhor conhecer alguns dos múltiplos significados da flexibilização do trabalho, faz-se oportuno retomar importantes teses de Gramsci sobre o *Americanismo Fordismo*.

Retomar as reflexões de seu clássico trabalho, não significa, porém, efetuar uma transposição mecânica do conjunto de suas teses para nossa contemporaneidade. É preciso considerar as particularidades históricas que distinguem o *continuum*, mas distintos momentos da modernidade capitalista.

Ao debruçar-se sobre a nova racionalidade do trabalho *taylorismo/fordismo*, Gramsci não a toma como sendo um processo restrito ao universo fabril. Ao contrário, busca apreender o objeto em sua historicidade, analisando como essa racionalidade expressa uma nova realidade social totalizante e em processo (*americanismo*). Dentro dessa perspectiva, não endossa as críticas que se fundavam na tradição ou na cultura européia, pois, a tradição antes de tudo: "*significa resíduo passivo de todas as formas sociais ultrapassadas na história*".

Numa perspectiva histórica, suas teses permitem-nos apreender que no momento em que uma determinada forma de produção material e espiritual entra em crise, resistir apoiando-se em valores fundados unicamente na tradição reveste-se de um profundo caráter conservador. Gramsci preocupa-se em combater essa forma de análise amplamente difundida na Europa, sobretudo na Itália.

* Doutorando em Sociologia, Unesp/Araraquara-SP. Orientação: Prof^a Livre-docente Maria Orlanda Pinassi. Pesquisa financiada pelo CNPq.

Se, por um lado, Gramsci não poupa críticas aos segmentos ou frações de classes “economicamente passivas”, demonstrou por sua vez, que o posicionamento questionador expresso no “fanatismo regional” decorria justamente do seu anacronismo em relação às novas tendências históricas. O que caracterizava politicamente esses segmentos em face da emergente racionalidade fundada no trabalho, era a tentativa de preservar um modo de vida material/espiritual em decadência, daí sua tenaz oposição ao americanismo. A construção/disseminação da nova hegemonia capitalista tendia a alterar não só o modo de produzir, mas a forma inclusive, da maneira como os homens produziam sua existência no plano espiritual/cultural.

Do ponto de vista do antagonismo de classes, o incipiente modo de produção fordista colocou a classe operária norte-americana no centro dos debates, pois historicamente é nela que estavam depositados os elementos de negação dessa emergente forma de relação social e de produção. Contudo, o movimento operário americano, ao se contrapor ao processo de destituição do saber operário, do brutal processo de adaptação psicofísico, não questionava a hegemonia capitalista, ao contrário, de acordo com Gramsci: “a luta na América era ainda pela propriedade do ofício, contra a propriedade industrial”.

Como Gramsci procurou apreender essa postura defensiva do movimento operário norte-americano? De que maneira compreendeu as lutas de resistência do proletariado de “ofícios” como não tendo caráter conservador? Ora, neste processo de mudanças, o autor valoriza o fato de que o proletariado também estava sendo transformado, aqueles segmentos cujo imaginário social ainda se encontrava imerso nas oficinas e ofícios, eram justamente a composição da “classe em superação”, pois, à luz do processo histórico, as formas de lutas e resistências do proletariado na América contra a nova racionalidade do trabalho via-se fragilizada diante da sua própria forma de ser proletário, cada vez mais ampliada e heterogêneo.

Gramsci reconhece na racionalidade taylorista/fordista um movimento do capital que tendia a converter-se em hegemônica, e no proletariado norte-americano busca apreender os elementos de afirmação/negação da ordem ainda em processo. De forma dialética, aponta que do ponto de vista da luta de classes, a heterogeneidade não era algo que se reduzia à forma de ser do proletariado, antes, indicava a emergência de um novo conteúdo histórico. Portanto, o proletariado sem dar conta desta nova problemática, enfrentaria maiores dificuldades no sentido de contrapor-se à nova ofensiva do capital monopolista e seu aparato estatal/social coercitivo.

Se, o americanismo representou um salto histórico qualitativo na forma de ser do capital, desenvolvendo-se no Novo Continente sem o ônus da experiência européia. Ao reconfigurar as esferas da produção e da vida social seu antagonista histórico (a classe operária) também em transformação, encontrava-se menos representada nos operários de ofícios, mas em segmentos que emergiam como força política/social resultante dessas mudanças. Neste sentido, parece-nos que as reflexões de Gramsci buscavam compreender, então, não só as condições históricas específicas da qual emergiam esse novo proletariado, mas como este poderia afirmar-se enquanto elemento de negação dessa nova ordem produtiva e de controle social assentada no *americanismo fordismo*.

É por isso que quando afirmou que a “hegemonia vinha da fábrica”, Gramsci estava procurando indicar as particularidades das novas formas de controle social que tomando inicialmente o

espaço da produção como campo privilegiado de “gestação”, todo aparato ideológico fordista expandir-se-ia como forma sistêmica para o conjunto da sociedade. Ou seja, concomitantemente ao esforço do capital em aumentar a produtividade, expandir o consumo com base nos maiores salários pagos aos operários das empresas monopolistas. Estas empresas procuraram, ainda, obter maior controle sobre as práticas sexuais, diminuir e se possível evitar o consumo de bebidas alcoólicas, incentivar práticas religiosas estabelecendo um padrão de família e comportamento social adaptado à nova necessidade da indústria e da ordem social.

Desde as últimas décadas do século passado o mundo capitalista vem sofrendo em diferentes graus um processo de mudanças. No Brasil, uma ampla produção intelectual vinculada à Sociologia do Trabalho tem procurado analisar a disseminação das estratégias do trabalho flexível. Em especial, ganham destaque os estudos sobre os impactos na organização política/sindical, sobre a nova composição de segmentos da classe operária como os metalúrgicos vinculados às montadoras na região do ABC paulista. Enfatizam a emergência de um perfil operário jovem que gozam de maior escolaridade, qualificação profissional, maiores salários quando comparados com a média salarial brasileira. Trata-se ainda, de um novo segmento operário cuja convivência com a velha geração é marcado por inúmeros conflitos.

De fato, os dados empíricos são importantes à medida que podem trazer alguns indicativos preliminares em relação às metamorfoses sofridas pela classe operária. Informações sobre a nova composição social, os dilemas e desafios a serem enfrentados pelo proletariado em sua luta contra o capital. Contudo, o método positivista adotado por esse amplo e majoritário segmento da Sociologia do Trabalho, os impede de analisar as contradições inerentes ao processo de reestruturação produtiva.

Ao analisarem a emergência do trabalho flexível restringe a análise aos aspectos daquilo que definem como sendo um “novo modelo industrial”. Em relação às metamorfoses sofridas pelo proletariado limitam-se em quantificar aqueles que se encontram “com e os sem” direitos trabalhistas, ou, os que se encontram na condição de “mais” e os que encontram na condição de “menos” precarizados. E fundamentalmente, ao se referirem à juventude metalúrgica prendem-se ao seu maior poder aquisitivo, e tentam reduzir seus conflitos com velha guarda operária a uma questão geracional.

Neste sentido, contrapondo-se a este enfoque linear e fragmentado, é que devemos, partindo da perspectiva analítica de Gramsci em *Americanismo Fordismo*, refletir sobre o trabalho flexível e seus impactos na forma de ser, agir e pensar do novo proletariado. Dessa forma, poderemos desnudar os dilemas, os desafios relativos à sua forma de organização, suas práticas políticas e seus mecanismos de resistência. Ou seja, as teses de Gramsci sugerem que se considere a instauração do trabalho flexível compreendendo-o numa dimensão histórica totalizante.

Deste modo, de forma dialética, cabe reconhecer que se a classe operária tem se metamorfoseado com a disseminação do trabalho flexível, perdendo sua “unidade” anteriormente identificada na forma de ser (objetiva e subjetivamente) do operário de perfil fordista, o mesmo aconteceu com o operário de ofício em relação ao fordista. Contudo, tendo como referência o método adotado por Gramsci, podemos questionar: é possível encontrar um elo capaz de unir a fragmentada e multifacetada classe operária hoje? Pensamos que numa perspectiva histórica, na essência, tanto o sistema produtivo fordista como o flexível, não alteraram o conteúdo social do trabalho

no capitalismo. Apesar de reconhecermos as mudanças na maneira de como se realizam as tarefas no espaço produtivo, ambos só existem para o capital enquanto produtores de mais-valia.

Porém, uma das peculiaridades do sistema produtivo flexível decorre da sua capacidade/necessidade à época da mundialização (momento em que a composição do capital produtivo e sua lógica concorrencial adquirem novos parâmetros), em adequar o conjunto do sistema produtivo às novas necessidades da acumulação. Para tanto, o capital procura criar mecanismos de controle/consentimento operário concomitantemente ao uso de novas tecnologias que permitam a aumentar a taxa de mais-valia absoluta e relativa. Neste caso, se Gramsci no *americanismo fordismo* salientava que após o período de adaptação aos mecanismos de controle da produção fordista o operário teria seu cérebro livre para refletir, inclusive sobre sua condição operária. É interessante notar então, que as técnicas do trabalho flexível, preocupa-se em ocupar a “cabeça” do operário através das estratégias do trabalho participativo.

Por fim, cabe salientar, que os aspectos acima arrolados não desautorizam as análises desenvolvidas por Gramsci. Ao contrário, é preciso reconhecer seu valor, pois identificado com a classe operária antecipou a lacuna fundamental existente nas formas de controle fordista abrindo a possibilidade da luta contra-hegemonia. As lacunas que o trabalho flexível tem procurado preencher, inclusive quando necessário adotando práticas de terror, procuram mobilizar a “mente” operária em prol da acumulação, por isso, o trabalho flexível se configura também como forma de controle social. Práticas adotadas no ambiente de trabalho, nas células de produção mais especificamente, criam um novo vocabulário (fazer 5s, nossa equipe, etc.) que invadindo os “lares”, paulatinamente são incorporados ao cotidiano operário determinando suas formas de sociabilidade. Gramsci tinha razão: “a hegemonia vem da fábrica!”.